

Descaso pela vida

Não há retrato mais perverso e chocante do quadro de deterioração da saúde pública no Brasil que as mortes em série de pacientes de hemodiálises no Instituto de Doenças Renais (IDR) de Caruaru, Pernambuco.

No espaço de poucas semanas, morreram nada menos que 30 pessoas, vítimas de hepatite tóxica. O motivo: contaminação da água. Portaria do Ministério da Saúde, editada no final de 1994, exige que os hospitais façam exames trimestrais e rigorosos da água que utilizam.

Desnecessário dizer que tal procedimento inexistiu em Caruaru. Trata-se de providência elementar e indispensável, descumprida sem qualquer cerimônia. Como se não bastasse, há pelo menos dois anos, a clínica não era inspecionada pela Secretaria de Saúde de Pernambuco.

O presidente do Departamento de Ensino e Reciclagem da Sociedade Brasileira de Nefrologia (SBN), Sérgio Draibe, atribui a responsabilidade por essas mortes aos órgãos públicos e aos fornecedores de água. E faz a revelação assustadora: "Em todo o país, inexistente fiscalização da água vendida por clandestinos". Mais: "Qualquer centro de diálise está sujeito a receber água com grau de toxicidade superior ao potencial de purificação".

O recado é claro: em termos de saúde, o Brasil é um imenso Caruaru. A tragédia dos pacientes do IDR não é um fato isolado e não

acontece apenas em regiões pobres do país. Segundo a SBN, morrem 17 pacientes renais por dia no Brasil, de norte a sul. O que se constata é que há descaso pela vida. Os órgãos públicos não fiscalizam e os hospitais não tomam as mais elementares medidas de assepsia, indispensáveis à segurança dos pacientes.

Não é de estranhar tal quadro, num país que viu há não muito tempo um presidente da República recém-eleito, Tancredo Neves, morrer de infecção hospitalar. Se a alguém no topo da hierarquia do Estado dispensou-se tal tratamento, que esperar do atendimento aos mais humildes?

O que se observa é que a crise da saúde pública no país não decorre apenas da falta de verba. Há incúria administrativa, omissão criminosa do Estado. Por que não se cumprem as fiscalizações de rotina, que poderiam ter constatado, no caso de Caruaru, a contaminação da água e poupado a vida de tantas pessoas?

Enquanto não houver rigor punitivo, a tragédia de Caruaru tende a se repetir e se multiplicar. Como classificar a morte de 30 pessoas (até agora, diga-se) em função de uma mesma falha, de uma mesma omissão criminosa? Chacina, extermínio? Enquanto a impunidade for a tônica, a vida continuará valendo pouco no Brasil e a sociedade continuará a conviver com a banalização da morte.